

Jardim de Infância da Caetano de Campos

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
DA PROFESSORA
ALICE MEIRELLES REIS
1923 – 1935

Tizuko Mochida Kishimoto

Copyright© 2014 Tizuko Morchida Kishimoto

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização da Autora.

Produção e Impressão: PoloPrinter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kishimoto, Tizuko Morchida
Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis 1923
– 1935. / Tizuko Morchida Kishimoto. -- São Paulo :
PoloBooks, 2014.

94 p.

ISBN: 978-85-65943-61-1

1. Bibliografia. 2. Educação. I. Título

CDD 010

Índice

1. Introdução	01
2. Edifício do Jardim de Infância da Caetano de Campos.....	06
3. Professora Alice Meirelles Reis: "Minha primeira classe - 1923"	10
4. Alice nos primeiros tempos no jardim.....	12
5. Organização da sala para "exercícios tranquilos"	20
6. Interesse da criança.....	24
7. Atividades Individuais e em equipes: jogos.....	26
8. Marcenaria e trabalhos manuais	32
9. Atividades práticas cotidianas e exploração dos sentidos	36
10. Livros	40
11. Direitos e deveres	46
12. Duas pedagogias: Froebel e Dewey	50
13. Barco a vela para brincar e imaginar	56
14. Lavar roupa e pendurar	58
15. Pão de açúcar e bondinho.....	62
16. Brincar com bonecas.....	66
17. Brincadeiras da tradição.....	70
18. Brincadeiras motoras	74
19. Plantar, regar, colher e comer.....	76
20. Vender e comprar	82
21. Centro de Interesse dos animais	84
22. Os animais, as aves e os peixes	88
23. Alice Meirelles Reis com 90 anos.....	92

PoloBooks
Rua Antônio das Chagas, 550 - Chácara Santo Antônio
04714-000 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3791-2965 / 3034-0066
www.poloprinter.com.br
e-mail: atendimento@poloprinter.com.br

1. Introdução

As fontes de inspiração para este livro surgem com a doação, em 1982, de um rico acervo fotográfico e escrito de Alice Meirelles Reis, professora do Jardim da Infância da Caetano de Campos. Tizuko Morchida Kishimoto, docente e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que recebe o acervo, firma o compromisso de criar um Museu para acondicioná-lo, o qual foi cumprido em 1999.

Por ocasião da comemoração dos 80 anos da USP, realiza-se na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no dia 15 de outubro de 2014, uma exposição fotográfica e a publicação deste livro, com vistas a divulgar as práticas dessa professora. O objetivo destes eventos não tem apenas o cunho comemorativo, mas de suscitar reflexões para pensar a educação infantil nos tempos atuais.

As imagens utilizadas neste livro foram retiradas de cinco álbuns de fotografias e dois livros datilografados e não publicados que se encontram no Museu da Educação e do Brinquedo – MEB:

1. Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis de 1923 a 1927, com capa em tecido aveludado, com flores vermelhas, amarelas e azuis em fundo esverdeado, com dimensões de 20 cm x 14 cm, contendo 20 folhas, separadas com papel de seda, fotos com dimensões de 13 cm x 17 cm; 11 cm x 17 cm; 9 cm x 14 cm e 6 cm x 8 cm. Contém as primeiras experiências da professora.
2. Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis – 1929, capa marrom com figuras de bolhas, em alto relevo, dimensões de 25 cm x 19 cm, 22 folhas separadas com papel de seda, presas com cordão marrom, contendo fotos nas dimensões: 13 cm x 17 cm; 7 cm x 11 cm e 6 cm x 8 cm. As fotos menores trazem a identificação das atividades. Na

etiqueta consta Casa Stlaze, S.A. Rua Direita, 16, Caixa Postal 104, S. Paulo. Traz imagens do período rico de inovações.

3. Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis – 1934, capa marrom claro, com desenho de navio no centro, 28 folhas separadas com papel de seda, amarradas com cordão de dois furos. Contém fotos de 11 cm x 17 cm. Na contracapa há o selo de Cartona C.F.N. nº 108. Traz imagens de suas inovações.
4. Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis – 1933 – 1935, capa marrom escuro, texturizada com fios dourados, dimensão de 32 cm x 22 cm, 20 folhas, separadas com papel de seda e fotos de 7 cm x 11 cm. Há etiqueta da Casa Stlaze, S.A. Rua Direita, 16, Caixa postal 104, São Paulo. Traz imagens de suas inovações.
5. Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis – 1935, espiralado, preto com nome Snapbook, de 18 cm x 25 cm, indicando a empresa Spiral Binding Company, U.S. Patent nº 1518832-1912025 19855776. Other Patents Pending MADE IN U.S.A., com fotos nas dimensões de 11 cm x 17 cm; 9 cm x 14 cm e 7 cm x 11 cm.
6. Livro datilografado de Alice Meirelles Reis. Volume 1 contendo informações sobre as várias pedagogias da infância e suas metodologias de ensino divulgados à época, fotos e recortes de livros, s/d. (com inúmeras sugestões escritas à mão em papel de seda, por Noemy Silveira, professora de Psicologia da Escola Normal – não publicado).
7. Livro datilografado de Alice Meirelles Reis. Volume II, contendo informações sobre escolas maternas e jardins de infância, ilustrado, desenhos de mobiliário, fotos, desenhos das crianças e partituras musicais. S/d. (com sugestões escritas à mão por Noemy Silveira, professora de Psicologia da Escola Normal – não publicado).

A publicação do livro contou com apoio financeiro do Pontão de Cultura, um projeto do Ministério da Cultura que coordena e que valoriza a cultura do brincar.

2. Edifício do Jardim de Infância da Caetano de Campos

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1933 a 1935 a (11 cm x 17 cm)
Acervo do MEB

O edifício da Escola Normal Caetano de Campos projetado pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, situado na Praça da República, inaugurado em 1895 é ampliado com a construção de um anexo, em 1897, em que se instala o Jardim de Infância destinado a abrigar a pioneira instituição de educação infantil pública no Estado de São Paulo.

Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal Caetano de Campos cria o jardim de infância destinado a crianças de 4 a 6 anos, por meio do decreto nº 342, de 02 de março de 1896, assinado por Bernardino de Campos, que em seu parágrafo único declara:

“Fica creado um jardim da infância junto a Eschola Normal da Capital, como preparo à Eschola Modelo”.

O jardim de infância, em 1896, funciona inicialmente em salas alugadas e, em 1897, transfere-se para o novo edifício projetado por Ramos de Azevedo construído em local isolado, nos fundos da Escola Normal, com grande jardim e locais para brincadeiras.

O edifício construído no estilo de art déco, na parte interna tem ampla galeria destinada às festas, encontros com familiares e solenidades. Se a valorização da instituição educativa se mede pelo espaço ocupado,

pode-se dizer que à época o jardim de infância é muito valorizado, pois ocupa área de 940 m², amplamente iluminada, com quatro salas e salão central, com dimensões de 15 x 16 m, pé-direito duplo e coberto por cúpula octogonal metálica com vidro fosco embutidos em ferros trabalhados. Do lado externo da cúpula, quatro terraços triangulares com vistas para diferentes pontos da cidade complementam as áreas de atividades das crianças de quatro a seis anos.

Na galeria do salão central estão pintados a óleo os retratos dos pedagogos que influenciam a educação infantil no início da república: Froebel, Pestalozzi, Rousseau e Mme. Carpentier, evidenciando a clareza de orientações pedagógicas que aparecem não apenas nos currículos e programações, que podem ser vistos nos dois volumes da Revista do Jardim de Infância, publicados em 1896 e 1897, mas também, nas fotos desses pedagogos em espaços privilegiados como o salão central. Há mais quatro compartimentos destinados aos banheiros, sala de visitas, depósito de materiais e gabinetes de trabalho, além de dois pavilhões cobertos para recreação das crianças.

A professora Alice, em suas descrições sobre a estrutura física dos jardins de infância (Reis, II volume, s/d), prevê para cada turma: vestiário, sala de jogos, sala para exercícios tranquilos, instalações sanitárias e lavatórios. A sala de jogos deveria conter: marcenaria, blocos para construção, mesa de areia (se não tiver ao ar livre), brinquedos que exigem maior espaço e movimento como a casa da boneca. A sala de atividades tranquilas deveria prever mesas, cadeiras, biblioteca, vitrola, piano, armário com divisão para material individual, armário com cortina de correr para os jogos educativos, uma mesa para a professora, quadro negro na parede para a escrita e outro quadro, fixado em barra de celotex destinado à “documentação em gravuras” (REIS, II volume, s/d p. 63). Pode-se observar pelos registros fotográficos a existência desses espaços e até da documentação pedagógica feita pelas crianças em suas investigações.

O jardim de infância, criado com objetivo de se tornar “escola modelo”, a ser seguido por outras acaba não se efetivando. Em decorrência de políticas públicas sem continuidade foi o único no gênero por muitas décadas e seu edifício foi demolido em 1939, para a construção da Avenida São Luiz. A partir dessa data as crianças perdem a estrutura criada para o Jardim de Infância, evidenciando a pouca importância de patrimônios históricos e também da educação infantil. Esse fato leva a professora a

manifestar sua insatisfação com a situação dessa instituição de educação infantil que ao invés de se tornar escola modelo “funciona hoje em salas adaptadas na Escola Normal” (REIS, v. II, p. 60). Ao ser transferida para uma sala da Escola Normal os agrupamentos perdem a estrutura física anterior com salas de jogos e de atividades tranquilas, para cada agrupamento, áreas cobertas, jardins, sala de visitas para atender pais e comunidade, depósito de materiais, entre outros.

Esse processo de desvalorização continua com as pré-escolas criadas a partir dos anos 30, inicialmente por Lourenço Filho, de salas anexas aos edifícios das antigas escolas primárias, com mesas e carteiras geralmente fixas, destinadas às crianças maiores e que geram insatisfações tanto para crianças como para professoras e diretores que as criticam como sendo “salas de decepção infantil”. Posteriormente, mesmo com a implantação de políticas públicas destinadas à educação infantil, nos finais dos anos 1970, os edifícios não atendem a especificidade da educação infantil, sendo modelos do ensino fundamental, não dispendo de espaços diferenciados para as necessidades das crianças pequenas.

A precariedade do espaço físico e do trabalho pedagógico se acentua nos tempos atuais com a prática de terceirizar a educação das crianças pequenas, com a política de subsidiar organizações diversas para a oferta de edifícios e espaços para a instalação de novas unidades de educação infantil.

A iniciativa pioneira dos primeiros republicanos históricos, na construção do edifício pelo arquiteto Ramos de Azevedo, contendo áreas para o atendi-

to das necessidades das crianças e suas famílias é o que se nota hoje em países como Itália, Finlândia, em que arquitetos se responsabilizam juntamente com pedagogos e responsáveis pela área da saúde para a construção, fiscalização e manutenção de tais equipamentos. O edifício do jardim de infância foi fotografado por Alice várias vezes e se encontra em diferentes álbuns.



Edifício do Jardim de Infância da Caetano de Campos

3. Professora Alice Meirelles Reis: “Minha primeira classe - 1923”

Alice menciona ter feito experiências de acompanhar suas crianças por dois anos, (2º e 3º períodos), o que cria muito vínculo com as crianças, além de ampliar as suas experiências, como diria John Dewey. Ela relata que uma de suas crianças, que mais tarde se torna médico lhe envia flores, todos os anos, na data de seu aniversário, ao longo de sua vida, evidenciando a forte relação entre a professora e suas crianças.

O álbum referência deste item contém 36 fotos, sendo a característica da maioria delas, dramatizações das crianças e agrupamentos infantis de Alice do período de 1924 a 1927. Nesse período as turmas eram grandes, com até 40 crianças.

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1923 -1927 (11 cm x 17 cm) - Acervo do MEB

1ª turma de Alice

Alice Meirelles Reis escreve “minha primeira classe - 1923”, no Álbum que contém seus primeiros registros fotográficos da turma do jardim de infância da Caetano de Campos, do 2º período. O Jardim de Infância era dividido, conforme os critérios do sistema froebeliano, em três turmas: crianças de 4 a 5 anos (1º período); de 5 a 6 anos (2º período) e 6 anos completos (3º período).

Na foto encontram-se 35 crianças, de um agrupamento misto, sendo 25 meninas e 10 meninos, que devem ter em torno de cinco e seis anos, por serem do 2º período.

As crianças não estão uniformizadas, elas usam, em sua maioria, vestidos, meias e sapatos, algumas fitas no cabelo ou conjuntos de saia e blusa e os meninos camisetas, jaquetas, camisa com gravata, shorts ou calça comprida, com sapato e meia. Alice, de cabelos pretos e vestido escuro senta-se no meio junto com outra professora loira de vestido claro e nas laterais encontram-se mais duas mulheres. Seriam estagiárias? Ou outras professoras de agrupamentos diferentes?

Embora sua prática fosse com o agrupamento infantil do 2º período, ou seja, com crianças de 5 a 6 anos,



4. Alice nos primeiros tempos no jardim

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1923 a 1927 – Acervo do MEB

Nos primeiros tempos de sua experiência no Jardim de Infância, como aluna, e depois como professora, Alice encontra a pedagogia froebeliana dos dons e ocupações, uma prática reproduzida há 27 anos, desde sua implantação em 1896. Conforme a programação do segundo período divulgada pela Revista do Jardim de Infância, de 1896, consistia em marchas, exercícios de linguagem, música, ginástica, trabalhos manuais, ocupações com os dons envolvendo tecelagem, alinhavo, desenhos com pausinhos, varetas entre outros. Menciona, em entrevista, que essa programação a leva a pensar na necessidade de mudanças, que ocorrerá mais tarde, a partir de 1929. No entanto, o registro fotográfico de suas práticas já representa nova forma de conceber a prática pedagógica. Ela registra as danças, dramatizações de histórias e representações de danças e músicas, além de atividades com uso dos dons. Nesse período inicial de sua carreira no jardim de infância, com 40 crianças e apenas uma professora fica difícil iniciar mudanças substantivas.

O bailado dançado por crianças do 1º, 2º e 3º períodos, sob o título “No Paiz dos Moinhos”, data de 27/05/1924. Destacam-se representações sobre temas folclóricos, como “holandesas” “espanholas”. O tema “Uma Empreza” é homenagem a D. Joaquina, diretora do Jardim da Infância, tendo a menina Clara Elisa Constantini no papel da espanholinha, vestida com roupas típicas, com brincos, flores na cabeça e no vestido segurando um pandeiro.

“Clara Elisa Constantini” e “Hespanhola”
(1924 - 11 cm x 1a7 cm)



“Bobby Prirontoni e Maria Augusta Tibiriçá”
em “Menina e o Lobo” (1923 – 11 cm x 17 cm)



“Odete e Marina no Minueto”
(1923 – 11 cm x 17 cm)



A foto de 17/9/1923, retrata a cena da representação “A menina e o lobo!”, com a participação das meninas Bobby Prirontoni e Maria Augusta Tibiriçá, uma vestida de chapeuzinho vermelho, carregando uma cesta e outra vestida de lobo. Outra foto de 27/05/1923 retrata a representação da dança “Minueto”, com Odete Freitas e Mariana Colombo fazendo a coreografia.



“Hollandezas”
(1924 – 9 cm x 14 cm)

Nota-se, no início, a prática de registrar fotos com o agrupamento infantil inteiro. Outras mostram crianças em dramatizações, sempre fantasiadas, com pose, identificadas pelo nome. Prevaecem temas comemorativos como: índios, histórias do lobo, danças e representações que envolvem vestimentas típicas de vários países e tempos distintos. Essa parece ser a prática de iniciantes ao fazer registros com imagem, situação similar à das professoras dos tempos atuais.

5. Organização da sala para “exercícios tranquilos”

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (13 cm x 17 cm) - Acervo do MEB.

Essa sala é o reflexo das novas alterações do espaço físico efetuadas pela professora a partir de 1929, destinada a “exercícios tranquilos”, contendo mesas, cadeiras, biblioteca, vitrola, piano, armário com divisão para material individual, armário com cortina de correr para jogos educativos, uma mesa para a professora, quadro negro na parede e uma barra de celotex para os trabalhos das crianças e a documentação em gravuras. A organização desse ambiente educativo mostra crianças em atividades diversificadas, que escolhem o que fazer conforme seus interesses, uma prática que até hoje não se consegue introduzir na educação infantil, mesmo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil indicando a brincadeira e as interações como eixos da prática pedagógica.

A foto indica um agrupamento de 30 crianças. Notam-se crianças ocupando-se de atividades diferentes, sentadas ou de pé e com alto nível de envolvimento no que fazem. Algumas brincam com blocos no chão, outras se ocupam da montagem de puzzles, ou encaixe de peças e outros, com diferentes tipos de jogos adaptados e produzidos por Alice. Essa prática se inicia em decorrência de visitas às escolas novas no exterior ou de leitura de revistas e livros além do incentivo que recebe de personalidades da política de educação paulista da época, de expoentes do movimento escolanovista, que são também representantes do Movimento dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. O apoio de uma política pública de valorização da educação infantil e de incentivo às mudanças faz Fernando de

Azevedo autorizar Alice a dispor de salas apenas para seu agrupamento infantil, utilizadas pela manhã e que não eram ocupadas a tarde por outro agrupamento infantil. Desta forma, a partir de 1929, suas crianças realizam práticas como a de brincar com blocos grandes, no chão, construindo estruturas como barcos, fazendas, sem serem importunadas por outros agrupamentos, garantindo a permanência dos mesmos objetos na sala para dar continuidade no dia seguinte, entre outras atividades como marcenaria e brincadeiras imaginárias na sala de jogos. Sem essa autorização teria sido impossível dar continuidade às produções das crianças de modo a criar maior complexidade e qualidade aos seus projetos.

Os materiais e jogos produzidos por ela para garantir escolhas que atendam aos interesses de 30 crianças passam pelo crivo de Lourenço Filho, expoente da escola nova em São Paulo, que lhe oferece uma direção segura para suas experiências. Noemy Silveira, também membro dos Pioneiros da Escola Nova e docente da Escola Normal orienta a professora nas questões da psicologia da educação e a professora de Artes da Escola Normal dá suporte à construção de diferentes materiais. Enfim, Alice não se isola e cria uma rede de colaboradores para inovar.

As concepções de educação infantil que regem o jardim de infância, segundo a professora podem ser agrupados em quatro aspectos: importância da atividade natural da criança e os aspectos psicológicos do seu desenvolvimento; o jogo espontâneo e o jogo educativo como meios para educar; o ambiente preparado e o interesse da criança (REIS, s/d, p. 75-77).

A professora menciona a importância de utilizar a atividade que é própria e natural da criança, como correr, brincar, por tais razões justifica o uso do jogo espontâneo: “Segundo Claparède, essa atividade tem por objeto, satisfazer as necessidades do corpo e do espírito”. (REIS, s/d, p. 75). Comenta que tais atividades espontâneas surgem em decorrência dos interesses e necessidades da criança e seu aproveitamento requer o preparo do ambiente para atender suas necessidades. Alice utiliza as brincadeiras espontâneas das crianças e os jogos educativos como parte de sua pedagogia.

Tais concepções têm suas origens nas ideias formuladas no início do século XX pelo filósofo John Dewey, adotadas por muitos pedagogos do movimento escolanovista como Cousinet (trabalho de equipe, livre), Decroly (centro de interesse) e Kilpatrick (método de projetos), que influenciam as práticas de Alice no jardim de infância.

As ideias de Dewey sobre a observação da atividade da criança para identificar seus interesses e necessidades, a relevância do interesse que gera o esforço, as ações colaborativas por meio de uma educação democrática, a reflexão e a investigação, a experiência vivida pela criança, a preparação do ambiente educativo e o jogo como atividade em que tais situações podem ser experimentadas aparecem especialmente nas práticas de Alice.

O conceito mais utilizado por ela – interesse da criança –, encontra-se nos estudos do filósofo John Dewey, na obra *Interest and effort in education*, de forma a evidenciar que apenas o interesse genuíno da criança por alguma coisa a leva ao empenho, ao esforço para refletir, para buscar soluções para questões que ainda não sabe ou buscar informações para suas perguntas, seus temas de investigação, ou seja, ampliar conhecimento. Para exemplificar tais pressupostos, o filósofo descreve a experiência feita pela professora Miss Pratt, do jardim de infância da “Play School” (Escola para brincar) de New York City, que leva as crianças ao parque por elas gostarem e sentirem prazer de observar cães, plantas, flores, borboletas e que tais práticas lúdicas, além de interessantes e estéticas são importantes quando levam a criança a perguntar para saber mais sobre eles, ampliando o conhecimento. Portanto, é na atividade cotidiana, do gosto pela observação de animais e plantas que as crianças manifestam seus interesses. A função da professora é aproveitar tais interesses para ampliá-los quando há, de fato, genuíno interesse que possibilita a continuidade da experiência vivida pela criança. Certamente, no norte da Itália, Malaguzzi também teve suas inspirações nas fontes deweyanas para levar as crianças a desenvolverem projetos em currículos que emergem quando elas manifestam seus interesses.

Embora o movimento da escola nova tenha em suas raízes as concepções deweyanas, pode-se dizer que Alice chega a tais ideias com auxílio de Decroly, um discípulo de Dewey.

Lourenço Filho menciona na obra *A Escola Nova*, como Roger Cousinet foi importante ao divulgar o trabalho em equipes. Essa informação teve impacto no que Alice denomina “arranjos da sala”, para subsidiar a organização do espaço para atividades em equipes.

O amplo espaço físico da sala impressiona pela diversidade de materiais para a mesma quantidade de crianças que se tem hoje na Escola Municipal de Educação infantil - EMEI. Com apenas uma professora e 30 crianças Alice respeita o interesse das crianças que têm, de fato, possibilidades de escolha de atividades no interior desta sala e da outra de jogos, sem deixar de lado a parte externa. O uso diário, nos tempos atuais, de uma única sala, em geral pequena, por dois ou mais agrupamentos infantis, ao longo do dia, cria práticas de descontinuidade, de pouco envolvimento e de baixa qualidade.

Sala de “exercícios tranquilos”



6. Interesse da criança

Álbum de Fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm). Acervo do MEB.



Estante com materiais e brinquedos

Ao defender o princípio do interesse, valorizado por Dewey e Decroly, Alice organiza os espaços e disponibiliza materiais em estante baixa com materiais à altura das crianças para que possam escolher. Ela oferece opções na sala de jogos, em ambientes organizados como o doméstico para brincadeiras simbólicas.

Na sala ou área destinada aos jogos, Alice propõe uma organização com materiais e jogos disponíveis para uso autônomo das crianças e também para brincadeiras como a de casinha.

Nesta imagem nota-se uma parte da sala com estante, contendo prateleiras bem baixas, na altura das crianças, com vários brinquedos e materiais para livre acesso. Uma delas experimenta encaixar as bonecas russas – matrioskas, uma dentro da outra. A outra menina parece entreter-se com algo que parece ser um carretel de linha tentando enrolar o fio. A imagem mostra a autonomia das crianças na exploração dos brinquedos e materiais que ficam disponíveis para seu uso. Onde estão outras crianças? Certamente ocupando-se de outros interesses, o que configura a clareza da proposta de Alice veiculada em seus escritos e em suas práticas.

Na figura a direita, duas crianças se ocupam da brincadeira de casinha, de ocupação de papéis do mundo doméstico, com duas divisões: uma para passar roupa e preparar o chá e outra, para tomar chá. A delimitação do espaço com divisórias simples dá visibilidade a atividade infantil, mas ao mesmo tempo oferece tranquilidade e proteção para preservar a ação da criança, um aspecto que até hoje nossas escolas de educação infantil não aprenderam a fazer. Nota-se a importância da decoração do ambiente para criar o contexto da vida, de lugares que trazem a estética e a cultura da época, do tomar o chá junto com os convidados, do relógio decorando a parede. Na sala de estar, as bonecas estão sentadas aguardando para tomar o chá. Alice preocupa-se com a delimitação do espaço para que as crianças tenham intimidade e tranquilidade para desenvolver suas ações sem que outros lhes tirem a concentração. Essas imagens podem ser vistas também como exemplos de situações que evidenciam a preferência do gênero feminino de brincar de casinha com suas bonecas, que prevalece até os tempos atuais.



Área para brincadeiras simbólicas

7. Atividades Individuais e em equipes: jogos

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis 1929 (7 cm x 11 cm) - Acervo do MEB.

Ao valorizar os interesses das crianças, conforme aprendera com Decroly, Alice oferece atividades individuais e em equipes para as suas 30 crianças da sala. Quantos materiais ela teve que produzir por conta própria para oferecer essa diversidade de opções para suas crianças!

As fotos indicam um tempo no cotidiano para atividades individuais e em equipes. Certamente Montessori, com o princípio da atividade individual, de escolha da criança, deve ter influenciado essa prática. Da mesma forma a veiculação do trabalho em equipe de Roger Cousinet dentro do movimento da escola nova tenha dado bases para o trabalho em equipes. Inúmeras orientações pedagógicas são veiculadas nessas imagens. Há, na primeira foto, meninas que bordam e meninos que desenham (abordagem froebeliana); na segunda foto, outras crianças parecem ocupar-se com atividades e materiais de encaixe similares aos de Montessori, contendo pinos em sequência por tamanho ou outros modificados por ela, contendo flores e animais da fauna e flora brasileira (Decroly). Na terceira foto há uma criança sentada com os olhos vendados para descobrir as características dos objetos por meio do tato (abordagem montessoriana).

Certamente outros jogos educativos por ela construídos a partir das sugestões divulgadas por Decroly, pelos museus pedagógicos ou didáticos e pela Associação Brasileira de Educação contribuem para a criação de uma variedade de materiais e jogos. Alice menciona em entrevista a necessidade de muito material para atender os interesses de cada criança e conta com ajuda da professora de Artes da Escola Normal para construí-

-los, da revista francesa *Enfance* que traz inúmeras sugestões de práticas para o jardim de infância.

As informações contidas nos cinco álbuns fotográficos doados ao MEB que abrangem o período de 1923 a 1935 evidenciam que as práticas pedagógicas inovadoras ocorrem no período de 1929 até 1935. Durante o período de inovações, a professora constrói uma pedagogia para o jardim da infância, utilizando experiências adquiridas durante visitas ao jardim de infância da Universidade de Columbia, de orientação deweyana, assim como às instituições infantis da América Latina. Ao ler obras dos escolanovistas como Dewey, Decroly, Montessori, entre outros¹, conhece as experiências desses pedagogos, assina revistas francesas como *Enfance*², aprendendo com a experiência dos outros. No entanto, ela recria as práticas pedagógicas à sua maneira, fazendo releituras de concepções pedagógicas para ajustar ao contexto da cultura brasileira, como menciona em entrevista e que se pode observar nas imagens fotográficas dos seus álbuns e do seu livro (REIS, v. 1, s/d. datilografado).



Atividades individuais

¹ Tais obras foram doadas para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Alguns exemplares antigos dessa revista encontram-se no MEB-Museu da Educação e do Brinquedo e trazem exemplos de práticas pedagógicas para a educação infantil.



1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20



Atividades em equipes



8. Marcenaria e trabalhos manuais

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1933 – 1935 (11 cm x 17 cm; 7 cm x 11 cm) – Acervo do MEB

Na sala ou área destinada aos jogos as crianças desenham, pintam, fazem personagens com argila, nas atividades de trabalhos manuais e produzem, na marcenaria, com uso da serra, os objetos para seus projetos. Tais produções podem ser vistas nas exposições feitas pelas crianças, que documentam seus projetos que permanecem no interior da sala, compartilhadas também, com pais.

A primeira imagem mostra duas crianças pintando materiais por elas produzidos. Em outra foto, as crianças produzem na marcenaria suas peças para os projetos. A marcenaria é uma importante área para o desenvolvimento de habilidades e da criatividade, valorizados por Dewey e que Alice observa em suas visitas no exterior. A área da marcenaria ou o que se poderia denominar hoje de ateliê, embora importante para desenvolver habilidades e a criatividade, por exigir área apropriada, recursos materiais e equipamentos, não se encontra, na rede pública infantil, que pouco investe em sua estrutura física e material. Na terceira imagem há uma exposição construída pelas crianças e que fica exposta na sala.



Pintura



Marcenaria



Exposição

9. Atividades práticas cotidianas e exploração dos sentidos

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis 1929 (7 cm x 11 cm) - Acervo do MEB.

Dois imagens indicam atividades para o uso dos sentidos como visão e tato, e outras, referem-se às situações da prática cotidiana, que seguem pressupostos montessorianos.

Na primeira foto as crianças estão sentadas e de olhos vendados e tentam descobrir pelo tato os objetos que estão a sua frente. Na segunda imagem a menina tem os olhos vendados e tenta adivinhar quem é o amigo que está a sua frente pelo tato. Tais brincadeiras de adivinhar são importantes hoje para ações de inclusão. Conhecer a dificuldade do outro, que é cego, é importante para a valorização das diferenças.

Nas outras duas fotos, notam-se cenas relativas às atividades da vida prática como abotoar o avental da amiga, calçar o sapato e pentear o cabelo, práticas importantes para o desenvolvimento da autonomia da criança.

Disponibilizar o tempo para cada criança experimentar e desenvolver habilidades para realizar tarefas simples do cotidiano relacionado ao uso de roupas e calçados requer planejamento de tempos, espaços e a crença na importância dessas ações como funções educativas que não se restringem ao lar, mas também é da instituição educativa. Valorizar a autonomia das crianças em um agrupamento com 30 crianças requer a compreensão de que cada criança é diferente da outra no domínio de ações para se vestir e calçar, de que a cooperação entre as crianças e o convívio entre elas facilitam o desenvolvimento dessas habilidades necessárias ao mundo social.



Adivinha quem é?



Atividade sensorial



10. Livros

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm) - Acervo do MEB.

Nos tempos da primeira república havia em algumas escolas os gabinetes de leitura, que eram as bibliotecas. No entanto, disponibilizar livros dentro da própria sala, para uso livre das crianças, é uma ideia ino-

vadora que leva Alice a compreender que os livros fazem parte da vida das crianças e que durante as explorações ou desenvolvimento de projetos elas podem se utilizar desses recursos materiais. Nesse sentido, antecipa a ideia de que, o livro auxilia a emergência do letramento e favorece a aprendizagem no contexto da vida cotidiana, levando as crianças a pesquisarem, contarem histórias ou lerem em qualquer lugar.

Tais imagens denominadas por Alice como “Exercício livre”, “Desenhando e lendo livros”, encontram-se no álbum de 1929 e nota-se a criança com liberdade para escolher a atividade segundo seu interesse, por tais razões a denomina “exercício livre”, que dá opções, mas com orientação.

A primeira foto inclui diferentes situações como duas crianças se debruçando sobre um aquário, com alto nível de envolvimento que se pode notar pela expressão corporal que evidencia foco, energia e concentração

no objeto de interesse. Outra se ocupa com alguma coisa na mão. Uma dupla lê um livro no chão e mais duas crianças fazem construções com blocos e encaixes. Essa imagem retrata, mais uma vez, a diversidade de ações dentro de um mesmo tempo e espaço, evidenciando uma prática voltada aos interesses das crianças.

A segunda foto revela o alto nível de concentração de quatro crianças que se encontram na sala designada por Alice de “exercícios tranquilos”, dentro da qual fica a biblioteca.

Na terceira foto, um menino folheia, de pé, um livro grande, dentro de um espaço que evidencia a movimentação das várias crianças em diferentes ações.

Nas diversas situações focalizadas pelas imagens, o livro faz parte da experiência da criança e pode ser consultado em qualquer tempo e lugar. Desde ler em silêncio na biblioteca, no canto organizado com estante de livros, com mesas e cadeiras para leitura, até pesquisar um livro junto com um amigo para discutir algum tema ou em grupo, na procura de alguma informação. Alice soube organizar os tempos, espaços e materiais no planejamento cotidiano, proporcionando experiência, encantamento, criatividade e solução de problemas para atender os interesses e necessidades dos pequenos leitores.





Área da biblioteca



Menino folheia livro

11. Direitos e deveres

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis 1929 (7 cm x 11 cm) e 1933-1935 (11 cm x 17 cm) - Acervo do MEB

A autonomia das crianças ou o direito de escolher o que quer fazer é acompanhado de deveres. Depois da atividade livre é importante aprender a limpar e guardar.

As indicações de Alice: “Depois do vaso arranjado, a limpeza da mesa” e “Arranjo da classe. Colocando flores no vaso – 1929”. As imagens indicam que a limpeza é inerente ao arranjo das flores. Montessori dava as bases para essa forma de conduta de responsabilidade e disciplina. Após a realização das atividades, as crianças varrem o chão da sala para recolher os papéis picados e guardam os blocos de construção que não são utilizados dentro da estante com cortinas.

Enquanto a primeira imagem, de 1929, destaca a recolha dos restos das flores após o arranjo do vaso, a segunda foto, de 1935, mostra três crianças guardando os blocos de construção no armário, após o término da brincadeira. O armário que pode ser fechado por uma cortina de pano xadrez fica na altura da criança facilitando o uso independente dos materiais e sua organização. A terceira foto, de 1929, destaca a ação de varrer o chão para eliminar os papéis recortados e espalhados pelo piso.

Nos tempos atuais pode-se dizer que se a criança tem o direito ao brinquedo e a brincadeira tem, também, a responsabilidade de limpar e guardar os objetos utilizados. As brincadeiras nem sempre são vistas como momentos para aprender a organizar um espaço, limpar e guardar objetos utilizados.

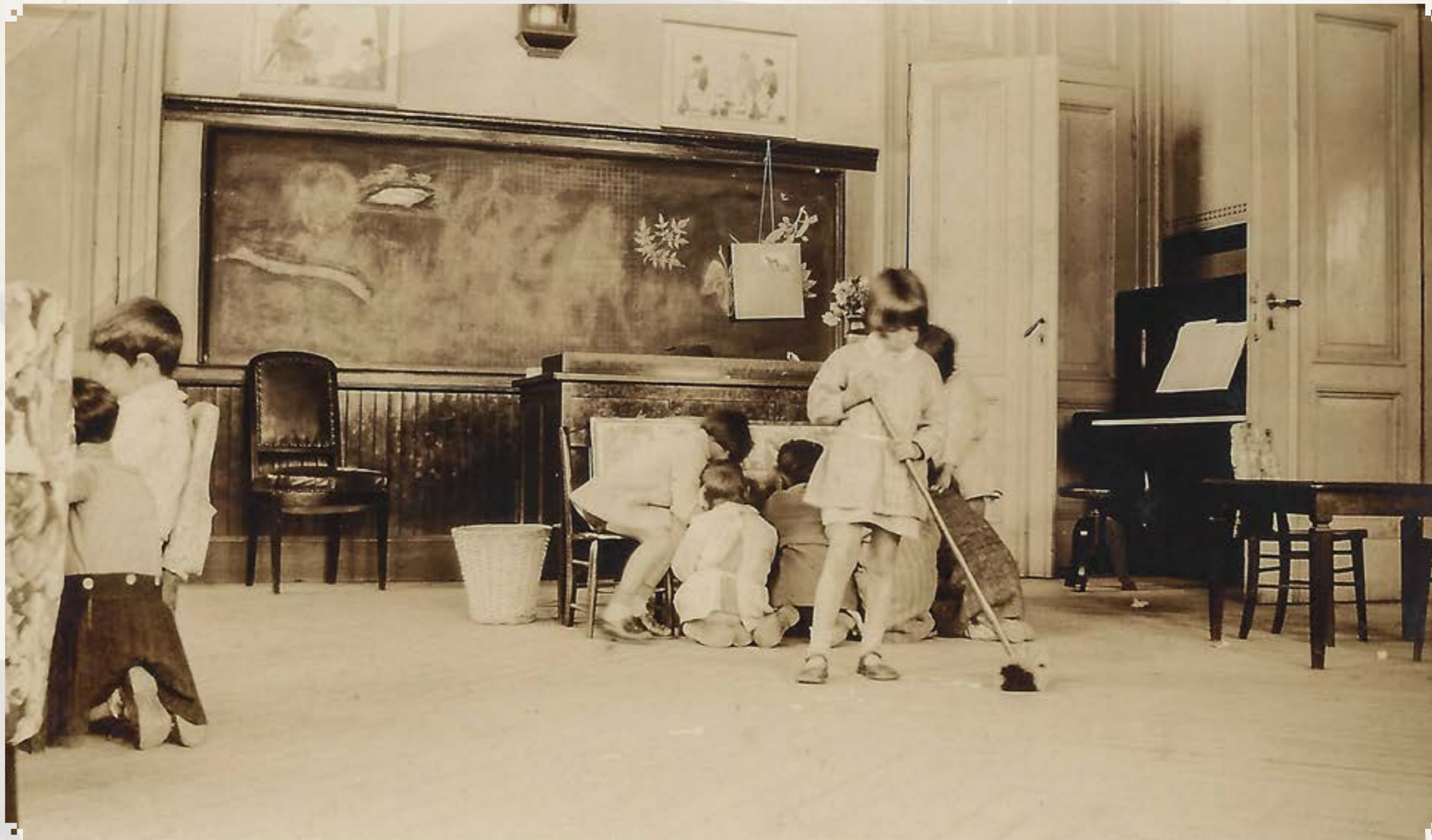
Alice preocupa-se com a ordem e disciplina como menciona em entrevista e em seu livro (REIS, v. 1, s./d.). Certamente a manutenção da diversidade de opções de atividades só pode se sustentar com a organização de regras de conduta de uso do amplo espaço. Sem regras, fica difícil para 30 crianças e apenas uma professora se ocupar de atividades diferentes, conviver com tantas opções e ações diversas que produzem papéis picados, blocos no chão ou materiais fora do lugar.



Limpeza da mesa



Guardar materiais



Varrer o chão

12. Duas pedagogias: Froebel e Dewey

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm) - Acervo do MEB

Na sala de jogos, onde se encontram os grandes blocos de construção, a casinha, a marcenaria e brinquedos que exigem maior espaço e movimentação das crianças, Alice dialoga com o passado e reconstrói o presente. Não descarta a pedagogia froebeliana, do passado, mas bebe nas fontes da escola nova. As imagens mostram duas pedagogias em ação na sala: a froebeliana e a deweyana com uso, respectivamente, de blocos de construção pequenos e grandes.

A pedagogia de Froebel, do jardim de infância e do brincar foi criada em 1840 quando o filósofo utiliza blocos de construção, em miniatura, como parte de sua pedagogia para educar e brincar crianças de 3 a 7 anos. Foi observando o brincar das crianças, de quebrar o brinquedo e não poder consertar que o pedagogo tem a intuição de criar um brinquedo para “brincar, quebrar e consertar”. Dessa ideia surgem os blocos de construção que podem ser utilizados em construções diversas, desmontados e reutilizados inúmeras vezes.

A pedagogia froebeliana dá as bases pedagógicas ao recém-criado jardim de infância na Caetano de Campos em 1896. O programa apresentado nos dois volumes da Revista do Jardim de Infância, publicados em 1896 e 1897 mostra a pedagogia froebeliana pelo uso dos dons (cubos divididos) e ocupações (atividades com uso dos materiais). Os blocos de madeira pequenos, recortados em figuras de cubos, triângulos, losangos, retângulos, são utilizados em atividades dirigidas para o conhecimento de noções diversas. A mesa com superfície quadriculada possibilita a recriação de formas conhecidas como reais, como igreja, banco, ou estéticas como desenhos simétricos utilizados para decoração e outras relacionadas

ao conhecimento matemático e de linguagem. Ao valorizar a autonomia e o interesse da criança Alice abandona o uso tradicional dos dons e ocupações froebelianos e recria seu uso possibilitando às crianças a expressão do imaginário, na construção de objetos do mundo vivido por elas.

O surgimento dos blocos grandes decorre de críticas à pedagogia froebeliana dos blocos em miniatura incentivarem apenas atividades individuais. A veiculação da filosofia de Dewey, que valoriza a democracia e a cooperação no início do século XX possibilita a professores que seguem o ideário de Dewey, como Patty Hill, a recriação dos blocos froebelianos, em novo formato, com dimensões ampliadas, dando base para projetos colaborativos entre as crianças que brincam, geralmente no chão, para criar formas e estruturas imaginárias.

Alice tinha conhecimento sobre as experiências de Patty Hill, em uma de suas visitas ao exterior e faz comentário sobre as propostas dessa professora americana em um dos seus livros que não foi publicado, mas cujos originais encontram-se no MEB. Nessa obra ela comenta a presença de ideias progressivistas, de influência deweyana, na experiência americana, a cargo de Patt Hill, que se torna depois professora da Universidade de Columbia diferenciando-a da abordagem froebeliana dos blocos em miniatura conduzidos por Susan Blow.

Desta forma, Alice se apropria de duas pedagogias: a dos blocos froebelianos, pequenos, para favorecer as experiências de construções individuais e outra, com blocos maiores, para incentivar a cooperação e propiciar maior experiência à criança.

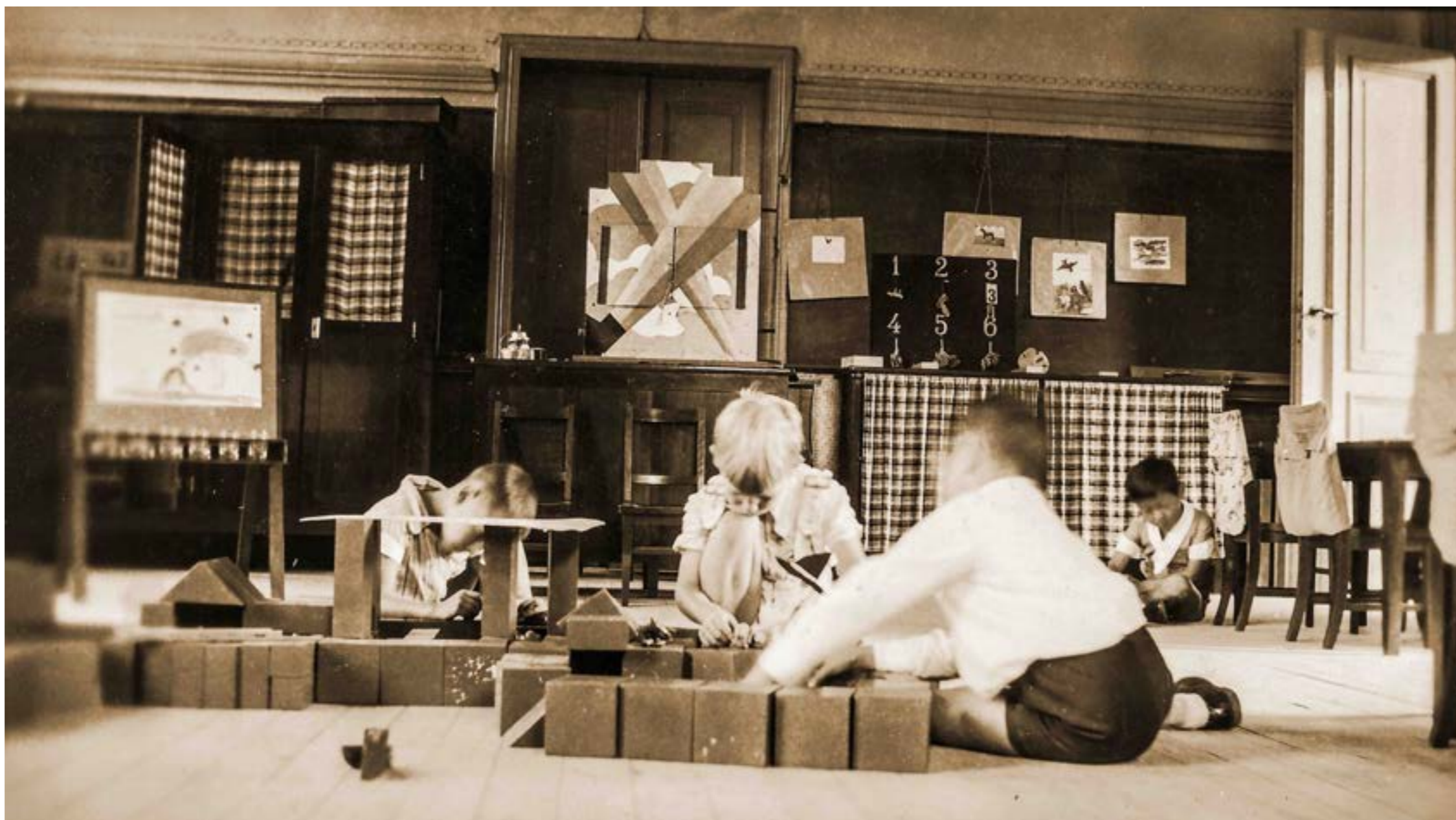
Na primeira imagem três crianças juntas constroem uma fazenda com animais, com blocos grandes, sentadas no chão, tendo um amplo espaço no meio da sala desenvolvendo um projeto colaborativo. Animais como cavalos, bois, porcos encontram-se dentro de cercado e as casas dos colonos enfileiradas, são construídas com blocos. A construção do ambiente da fazenda certamente deve ter demandado um tempo longo, um tempo que não se faz em trinta minutos ou uma hora, mas podem durar dias. Essa prática mostra a importância de se ter uma sala exclusiva para cada agrupamento infantil, para oferecer um tempo ampliado para as produções infantis, se o que se deseja é realizar atividades mais contínuas, complexas e de melhor qualidade.

Hoje as crianças permanecem apenas 3 a 4 horas em agrupamentos que revezam o uso das salas, o que propicia atividades curtas, geralmente gráficas, tornando-se fragmentadas, sem continuidade, sem uso de mate-

riais como grandes blocos, pois o tempo curto e a necessidade de organizar a sala para outro agrupamento que aguarda a saída das crianças para ocupar o espaço impedem outras formas de atividades, além de papel, lápis, tintas e alguns brinquedos.

Na segunda figura encontram-se crianças ocupadas com blocos froebelianos menores, que possibilitam a cada criança fazer seu projeto de construção. Mesmo sentadas em uma mesma mesa, três crianças estão envolvidas em projetos individuais, com blocos suficientes para fazer suas construções tridimensionais.

Essa realidade parece divergir da prática dos tempos atuais, em que predominam ações individuais, motoras, de encaixe e desencaixe, pois a pouca quantidade de peças de construção disponíveis em cada sala impede a produção de estruturas tridimensionais mais significativas que levem às outras formas de brincar como as imaginárias. A atividade parece estimular apenas a repetição exaustiva de ações de encaixar e desencaixar, ocupando um tempo da criança, não colaborando para aspectos importantes como a ampliação da experiência, o desenvolvimento da autonomia, a expressão do imaginário e da criatividade.



Blocos grandes



Blocos pequenos

13. Barco a vela para brincar e imaginar

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1933-1935 (11 cm x 17 cm) - Acervo do MEB

O ano de 1935 continua as práticas iniciadas em 1929, com blocos grandes, tornando possível a construção do barco a vela. Essa experiência foi possível com a oferta de blocos grandes, uma prática construída por influência de John Dewey, que valoriza a experiência durante o brincar e a cooperação entre as crianças. Há várias fotos de construção com blocos grandes desde 1929, com temas diversos entre os quais o da fazenda, barco a vela, carregar blocos no carrinho, entre outros.

Trata-se de um projeto coletivo, em que pelo menos oito crianças juntas constroem o barco no meio da sala de atividades do jardim de infância. Somente a disponibilidade de grande quantidade de blocos grandes poderia proporcionar essa experiência criativa às crianças. Quantas brincadeiras, diálogos interessantes e ações criativas devem ter ocorrido durante a produção deste imenso barco que transporta no seu interior, o conjunto das crianças que se envolvem neste projeto.

O barco a vela é uma realidade bastante comum em um país que tem vastas costas banhadas por oceanos, uma bacia hídrica gigante, com rios e lagos. Portanto, nessa ação as crianças recriam situações imaginárias, expressam códigos culturais que dominam entre os pares de brincantes. Pode-se imaginar o quão interessante não foram os diálogos ao longo da construção do barco a vela, a solução dos conflitos em sua produção, os acordos para configurar o formato e sua dimensão, a dificuldade em produzir e fixar a vela do barco, a construção dos remos e as aventuras imaginadas durante esse processo. Enfim, a leitura de Jerome Seymour Bruner me possibilita dizer que o mundo real dos barcos a vela presente na vida cotidiana dos brasileiros, desde a vinda dos portugueses ao Brasil, deve ter propiciado a criação de muitos mundos possíveis no imaginário dessas crianças.

Barco a vela



14. Lavar roupa e pendurar

Álbum de fotografia de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm) Acervo do MEB.

A área externa faz parte do projeto pedagógico da professora. As crianças organizam brincadeiras simbólicas, amarrando um cordão na árvore para ter o varal, preparam uma bacia para colocar água, lavam as roupas da boneca e penduram no varal, como faz o adulto naquele tempo.

O espaço externo é considerado por pesquisadores uma área potencialmente mais rica que o espaço interno para o desenvolvimento das brincadeiras simbólicas, quando se oferece às crianças liberdade de ação, tempo e materiais. Normalmente a tradição brasileira associa o espaço externo como área para brincadeiras motoras, sem necessidade de recursos materiais para desencadear temas simbólicos, o que não ocorre com Alice que dá suporte material em todas as áreas. As imagens sequenciais evidenciam seus saberes sobre a importância dessa ação.

Na primeira cena as crianças cooperam para organizar o espaço da brincadeira, pois construí-lo faz parte do brincar. Se o tema do brincar é o de lavar roupa das bonecas, é preciso providenciar o balde com água, esticar o fio e amarrar no tronco das árvores. Em seguida lavar, torcer a roupa e no final estender no varal. A imitação da vida cotidiana dos afazeres domésticos de lavar a roupa na área externa, para estender no varal é uma das brincadeiras que merece a atenção de Alice que fotografa a sequência das ações das meninas.

O imaginário infantil retratado nesta imagem deriva de situações do cotidiano vivido pelas crianças. Se naqueles tempos pode-se ancorar em diferentes concepções propostas por Montessori, Dewey, Claparède, Freinet, hoje Vygotsky dá as bases psicológicas e culturais para a compreen-

Balde com água



Lavar roupa

são de que as situações imaginárias, de natureza psicológica, são regradadas pelo mundo cultural, pois o papel de ser a mãe que lava e pendura as roupas no varal é regulado pela experiência vivida pela criança.

A reprodução ou recriação tem como base as regras provenientes do seu mundo doméstico, de como lavar, secar e pendurar a roupa. Hoje certamente as crianças poderiam colocar a roupa na máquina de lavar, para lavar e até secar. É ainda, componente da situação imaginária o interesse

em viver situações que ainda não são capazes, a aspiração de ser maior do que é na vida real e desempenhar papel de ser a mãe ou outro adulto, figuras do mundo social. Desta forma, elas recriam situações dos tempos em que se mora em casa, com amplos quintais com varais fixos nos muros e nas árvores e adultos lavando e pondo a roupa para secar ao ar livre. É o mundo real que propicia as regras para o brincar imaginário oferecendo conteúdos simbólicos para mundos possíveis.



Pendurar roupa no varal

15. Pão de açúcar e bondinho

Álbum de fotografia do jardim de Infância da Caetano de Campos
1929 (7 cm x 11 cm). Acervo do MEB.

O tanque de areia é um espaço propício para a expressão do imaginário. As crianças partilham códigos da cultura de seu tempo, construindo o bondinho e o pão de açúcar, recriando com a areia molhada, a experiência inesquecível do famoso morro do Rio de Janeiro, que guarda o formato de um delicioso pão coberto de açúcar.

A importância do Rio de Janeiro, com suas praias, morros, a natureza exuberante, o bondinho e o pão de açúcar, inaugurados em 1912, traz uma paisagem inconfundível desta cidade. A paisagem urbana com maravilhoso equilíbrio entre a mata, o mar e os morros ressalta o pão de açúcar, uma alta montanha sem vegetação, de rocha de granito com idade superior a 600 milhões de anos. Sua denominação pode provir dos tempos da colonização portuguesa, que no auge da cultura canavieira, propicia o surgimento da imagem de um delicioso pão de açúcar ou a de um guardião dessa magnífica paisagem.

Visitar o Rio de Janeiro e passear no bondinho do pão de açúcar certamente é um passeio que muitas crianças do jardim de infância, que provém da elite e da classe média, já fizeram, ou poderiam ser temas do desejo daquelas que ainda não o conhecem. As crianças desse período já não são exclusivamente da aristocracia e incluem as da classe média, conforme depoimento oral da professora, em decorrência do empenho dos defensores da escola pública para o povo.

O Rio de Janeiro, a capital do país naqueles tempos pode representar no imaginário infantil, um mundo real, com o maravilhoso passeio no bondinho e que desperta, em cada criança inúmeras ver-

sões de mundos imaginários. Em um tempo sem televisão para veicular as maravilhas do país, talvez fotografias ou relatos do pão de açúcar e do bondinho podem ter circulado entre as crianças favorecendo a disponibilidade de imagens culturais de objetos de desejo para serem recriados.

Alice registra essa importante representação das crianças, como exemplo dos interesses das crianças. Hoje poderíamos identificar a presença da cultura de pares como diria o sociólogo da infância William Corsaro, de grupo de meninos e meninas que se envolve na construção do bondinho do pão de açúcar e produz cultura infantil, que é nesse caso lúdica. Criar morros, pendurar o fio e o bondinho são tarefas que demandam habilidade e envolvimento de crianças que partilham a cultura lúdica de seu tempo.

Mais uma vez é importante frisar a relevância da área externa, do tanque de areia, que propicia a expressão do simbolismo infantil, da riqueza da expressão lúdica de meninos e meninas partilhando códigos culturais e saberes da cultura infantil.



Pão de açúcar e Bondinho



16. Brincar com bonecas

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm);
1932-1935 (7 cm x 11 cm);
(Reis, v. II, s/d/ (10 cm x 8 cm).
Acervo do MEB

Embora o brincar com bonecas, a típica brincadeira de “mamãe e filhinha” pareça ter existido em todos os tempos e culturas, houve época em que os meninos também o adotam. Poder-se-ia indagar se seriam ações preconceituosas sobre o papel da mulher na criação dos filhos? Ou seria também a oportunidade de experimentar situações do cotidiano como cuidar de crianças como fazem as mães? Ou exercitar de forma independente as atividades da vida prática do contexto cotidiano segundo Montessori? Qualquer que seja a orientação pedagógica, a construção do gênero varia em cada cultura e tempo.

Nos tempos em que Alice foi professora do Jardim de Infância e registra tais brincadeiras (1929), período da primeira república, há, ainda, a ideia do brincar com boneca como típico da maternagem, de intuição feminina para ser mãe e cuidar dos filhos. Essa concepção se desconstrói com o aparecimento do feminismo e dos estudos sobre gênero, a partir dos anos 1970, embora até os tempos atuais, muitos profissionais e mães continuem acreditando que o brincar de ser mãe seja inato, que faz parte da biologia feminina.

Há três cenas sobre o uso da boneca pelas meninas. Na primeira, de 1935, duas meninas seguram orgulhosamente suas filhas, sentadas no banco na área externa, uma com uma boneca maior, e a outra, menor. Na segunda foto, a menina, muito concentrada, brinca de preparar a comida para a boneca que está sentada, utilizando uma chaleira, para entornar o líquido sobre uma panela no fogão. (REIS, v. II, s/d.)

Meninas com bonecas



Fazendo comida para boneca



Na terceira foto, de 1929, encontram-se duas meninas brincando de trocar a roupa de suas “filhinhas”, registrada por Alice como “toilette diária de Alicinha.” Há uma expressão de envolvimento, de concentração,

de prazer nessas ações, que são lúdicas, que implica em sair do mundo real para as várias possibilidades que o brincar oferece às crianças na temática de “mãe” e “filha”.



Trocando roupa da boneca

17. Brincadeiras da tradição

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis 1933/35 (11 cm x 17 cm); 1929 (6 cm x 8 cm) e 1935 (7 cm x 11 cm) - Acervo do MEB.

Brinquedos, brincadeiras e jogos são fartamente exemplificados pela documentação pedagógica da professora por meio de fotografias e descrições sobre sua prática.

Na primeira foto de 1933/1935 notam-se várias crianças brincando na área externa de soltar barquinhos de papel no tanque de água, um brincar enaltecido nas letras das músicas, dos poemas que remetem ao prazer de navegar num barquinho de papel e também a alegria e a habilidade de construí-lo para depois brincar. A segunda foto, de 1929 evidencia meninos tendo preferência pelo brincar de argola enquanto ao fundo a menina brinca de passear com a boneca no carrinho. Enquanto adultos pensam na importância desta brincadeira de arremessar argolas para desenvolver a percepção visual e motora, as crianças podem experimentar a alegria de jogar argolas nas barracas das festas juninas e também na área externa do Jardim de Infância.

A terceira foto de 1935 mostra meninos e meninas que tentam dominar o fluxo contínuo para baixo e para cima do ioiô, um brinquedo da tradição muito popular, que no idioma filipino significa “volta aqui”, considerado arma e instrumento de caça naquele país, pois o mito divulga que os nativos utilizavam duas pedras no lugar dos discos e uma corda de até seis metros, para caçar os animais, o que requer muita habilidade.

A cultura dos tempos atuais, em nome da “segurança” e “saúde”, aprisionam as crianças no interior da sala impedindo que elas usem o tempo cotidiano para brincar e aprender na área externa, incluindo brincadeiras na água e explorar os jogos da tradição infantil como o ioiô, argolas ou passear com a boneca, ou até em subir em árvores como era comum naqueles tempos.



Barquinhos de papel



Brincando com argolas



Brincando com ioiô

18. Brincadeiras motoras

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1933-1935 (7 cm x 11 cm) – Acervo do MEB

A livre movimentação das crianças dentro e fora do edifício faz parte da prática pedagógica de Alice. As atividades motoras como andar e equilibrar nos muros, descer as escadarias, equilibrar-se em estreitas muretas baixas eram vistas pelos adultos como “ginástica”. Mas elas poderiam ser compreendidas pelas crianças como desafios para ver quem consegue andar sobre o muro sem cair, em gostosas disputas entre amigos.

As três imagens mostram o desafio de utilizar a área externa para brincadeiras coletivas, talvez sob o comando de uma criança ou de um adulto.

Na primeira imagem as crianças se agarram às grades do muro alto que circunda o jardim de infância para caminhar sobre ele, em fila. Na segunda imagem elas descem as escadas do edifício de braços na cintura, o que parece mostrar que há uma regra proposta por alguém. Seria da criança ou da professora? Na terceira imagem, em fila as crianças se equilibram no estreito muro baixo que circunda o gramado em frente do edifício, de braços abertos procurando equilibrar-se para não sair de cima do estreito muro. Outra regra da brincadeira?

Quantos desafios na área externa! Hoje há interdição de tudo: subir na grama, subir em muros, pendurar-se nas grades, subir e descer escadas!



Subir no muro



Descer escadas



Andar em fila e equilibrar

19. Plantar, regar, colher e comer

Álbum de fotografia do jardim de infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm) Acervo do MEB.

A sequência de imagens possibilita a identificação dos saberes da professora e das crianças em um longo projeto que focaliza interesses das crianças sobre plantas. Para a professora tais atividades relacionam-se ao centro de interesse, uma influência de Ovide Decroly, e para as crianças, a experiência e o prazer de plantar, regar, colher e comer o milho!

O Centro de Interesse sobre as plantas gera o envolvimento no plantio do milho e da alface. A professora valoriza a autonomia e os interesses das crianças, a partir de leituras de Decroly e utiliza o conceito de “experiência” de Dewey, para as vivências das crianças nesse longo projeto, que é datado, a exemplo do plantio da alface iniciado em julho e colhido em agosto de 1927.

Essa sequência de imagem revela os saberes de uma professora que compreende que a aprendizagem se faz no contexto da vida. As imagens de crianças que limpam o canteiro, plantam, colhem o milho e depois fazem a degustação, de forma prazerosa e lúdica, todas com sorriso nos rostos, resultam da ação intencional da professora, de saberes prévios que a leva a não só planejar, executar, mas fotografar as ações das crianças, em um longo processo de acompanhamento do crescimento do milho. Nota-se também o crescimento de outro processo – a construção de saberes da criança –, que ocorre em contextos de educação informal em que se brinca e se aprende como diria na atualidade o sociólogo francês Gilles Brougère ou que expressam a cultura de pares, na linguagem de William Corsaro.

A aprendizagem ocorre neste contexto livre, onde as crianças seguem seus interesses e os ampliam quando desejam como diria também

Dewey. Não se trata de estudar o crescimento das plantas vendo livros e imagens, ou ouvindo a explicação da professora, mas elas aprendem plantando o milho, observando seu crescimento e ampliando conhecimento. Pode-se dizer que o *learning by doing* (aprender fazendo) o conceito deweyano que remete para o valor da experiência da criança poderia ser a base para essa série de imagens fotografadas. Certamente pode-se complementar com John Dewey, de que a aprendizagem está conectada com a vida e com a experiência vivida por cada criança. O filósofo da educação, mesmo pouco compreendido naqueles tempos, fornece a base conceitual para a professora pensar na importância da criança experimentar situações como as da plantação do milho.



Preparar a terra, plantar e regar

Colhendo milho



Milho crescendo



Comendo milho

20. Vender e comprar

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis
1929 (7 cm x 11 cm) – Acervo do MEB

Com sua letra cursiva Alice escreve: “Cálculo. Fazendo troco”, para identificar as imagens. A professora percebe outro aspecto do centro de interesse, a possibilidade da emergência no letramento matemático. São atividades relacionadas à venda de produtos, nas quais se produz dinheiro, organizam-se os itens sobre as mesas, compra-se e vende-se e aprende-se durante a experiência.

A aprendizagem da matemática por meio de situações de compra e venda é estratégia adotada por Kilpatrick, discípulo de Dewey. Esse professor de matemática, nos primeiros tempos do século XX, traz uma nova forma de aprender matemática, pela vivência de projetos de compra e venda no contexto da vida cotidiana. Como Alice menciona em entrevista em 1990, que não compreendeu muito bem Dewey, pode-se imaginar que ela enquadra sua prática muito mais próxima às ideias de projetos de Decroly, do centro de interesse das plantas, embora tivesse clareza de oferecer às crianças a oportunidade para experimentar tais situações no cotidiano, que é, também, um conceito deweyano.

Bem antes da discussão sobre a importância do contexto das práticas cotidianas para a emergência do letramento matemático, ou mesmo da atual etnomatemática, que tratam a ciência matemática no contexto da vida, práticas de simular vendas e compras começam a fazer parte das atividades da professora do jardim de infância.

O cálculo matemático se torna fácil nas atividades da vida cotidiana porque é contextualizado, torna-se significativo para as crianças, que compreendem as relações estabelecidas entre os números e os objetos vendidos e comprados. Assim, a soma, a divisão e a multiplicação, as operações matemáticas que são complexas quando se usa abordagens verbais

ou fórmulas mecânicas para explicar relações de abstração, tornam-se, nos projetos de venda de objetos ou verduras e frutas, vivências simples, que oferecem oportunidades para a construção de saberes por meio da experiência da vida cotidiana, de compra e venda.

Quem não se lembra do estudo do menino, que na feira tem nota dez porque vende frutas e verduras, recebe dinheiro e faz troco, e na sala de aula tem zero, pois as operações matemáticas se tornam incompreensíveis por ocorrer no formato abstrato e fora do contexto? A intuição dessa professora já assinala a compreensão da emergência do letramento matemático, da possibilidade de aprender matemática de modo mais simples, por meio de brincadeiras como a de comprar e vender, tão próxima da cultura das crianças.

Comprar



Vender



21. Centro de Interesse dos animais

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis 1929 (7 cm x 11 cm). Acervo do MEB.

Alice registra atividades do centro de Interesse dos animais. Fotografia momentos em que as crianças representam a fazenda com blocos de madeira, carrinho de boi, cavalo, casas dos colonos, maquete da fazenda com papelão e papéis e também a experiência de fazer requeijão com leite da vaca.

A fazenda certamente faz parte do imaginário das crianças no início do século, pois embora a cidade de São Paulo se urbanize, as fazendas continuam muito próximas das vidas dos familiares das crianças.

A primeira foto traz a representação da fazenda por meio de blocos de madeira, que formam as casas dos colonos. No centro há carros de bois, cavalos, vacas e outros animais, que são os objetos que dão suporte à brincadeira temática de construir a fazenda com animais. Em um dos cantos encontram-se baias para cavalos. Essa montagem provavelmente continua na sala para dar prosseguimento ao tema do interesse. O grau de complexidade para construir uma estrutura contendo várias partes da fazenda como: casas dos colonos, espaços para vacas, cavalos, carro de boi exemplifica os saberes dessas crianças acerca do conteúdo da fazenda para inseri-las nas suas representações simbólicas.

Outra foto integra o centro de interesse da vaca e do leite com a produção do requeijão. Nela se observam crianças sentadas em torno de uma mesa com um caldeirão que ferve o leite para a produção do requeijão. Poder-se-ia pensar que a correlação entre a vaca e o requeijão, é também entre a pecuária e a comercialização.

Fazenda com animais



Fazendo requeijão

A representação do tema da vaca e da fazenda aparece, também na maquete feita com madeira ou cartonado recortado para conter os personagens da fazenda elaborados nas atividades de “Trabalhos Manuais”. Essa foto aparece com a seguinte identificação: “Trabalhos manuais (centro de interesse: vaca e leite) 1929”.

Valorizar tais modalidades de representações tridimensionais diverge da prática tradicional de utilizar apenas o desenho, como forma hegemônica. Nas formas tridimensionais tem-se a oportunidade de utilizar

vários conhecimentos espaciais, matemáticos, além da habilidade para produzir e organizar os personagens na estrutura construída.

Decroly dá as bases teóricas para o desenvolvimento do centro de interesse no estabelecimento de algumas relações, a partir do interesse da criança, por exemplo, entre a vaca na fazenda e a produção do requeijão vendido nas lojas utilizando trabalhos manuais para a elaboração dos personagens e maquetes. Embora tenha inspiração em Decroly, não se trata do uso que se faz no ensino primário daquele tempo de estabelecer relações sistemáticas do tema com todas as áreas curriculares.



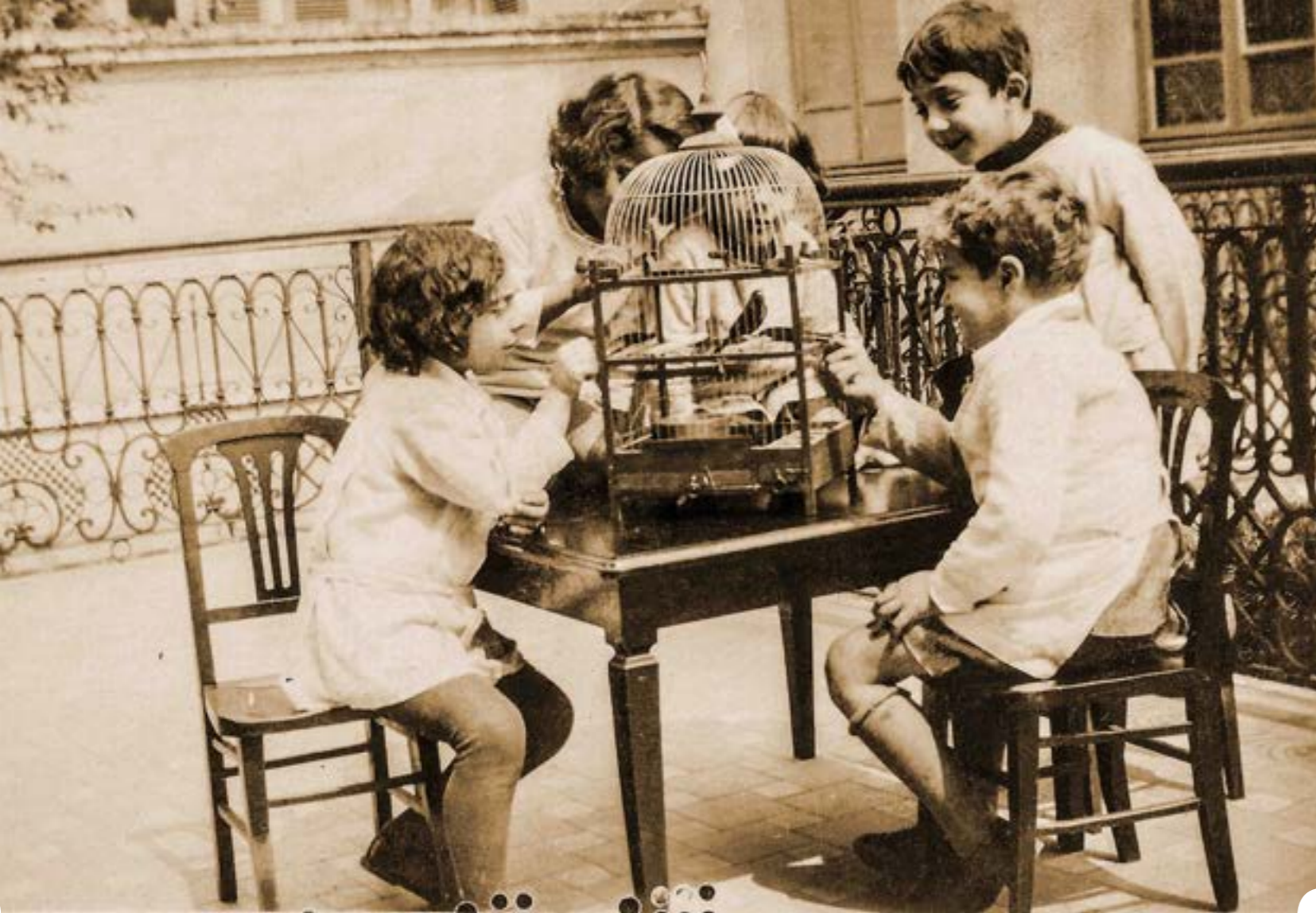
Maquete com vacas

22. Os animais, as aves e os peixes

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de
Alice Meirelles Reis
1933-1935 (7 cm x 11 cm) - coelho
1929 (6 cm x 8 cm) - passarinho e peixe

Coelhos, pássaros na gaiola e peixinhos no aquário aparecem nas imagens registradas por Alice, nas quais se nota como as crianças se encantam, com elas brincam, conversam, acariciam e sentem a alegria de observar esses pequenos seres vivos. Quantas histórias as crianças não trazem de seu cotidiano para partilhar com os amigos do grupo, uma vez que naquele tempo as crianças moram em casas com quintais e provavelmente convivem com animais como cães, gatos, passarinhos, que potencializa a comunicação entre elas. Os animais são importantes para proporcionar relações afetivas e criar espaços de socialização entre as crianças. Em várias culturas, os animais, aves e peixes fazem parte do cotidiano escolar das crianças, que se encarregam de sua alimentação e limpeza dos espaços de circulação desses pequenos seres, dando a oportunidade para que elas assumam responsabilidades de cuidado com os mesmos. Infelizmente em municípios como São Paulo, há proibição de animais nas escolas, com argumento de que são transmissores de doenças.





Passarinho na gaiola



Peixe no aquário

23. Alice Meirelles Reis com 90 anos

(07/08/1900 a 17/10/1993)

Álbum de fotografia do Jardim de Infância de Alice Meirelles Reis

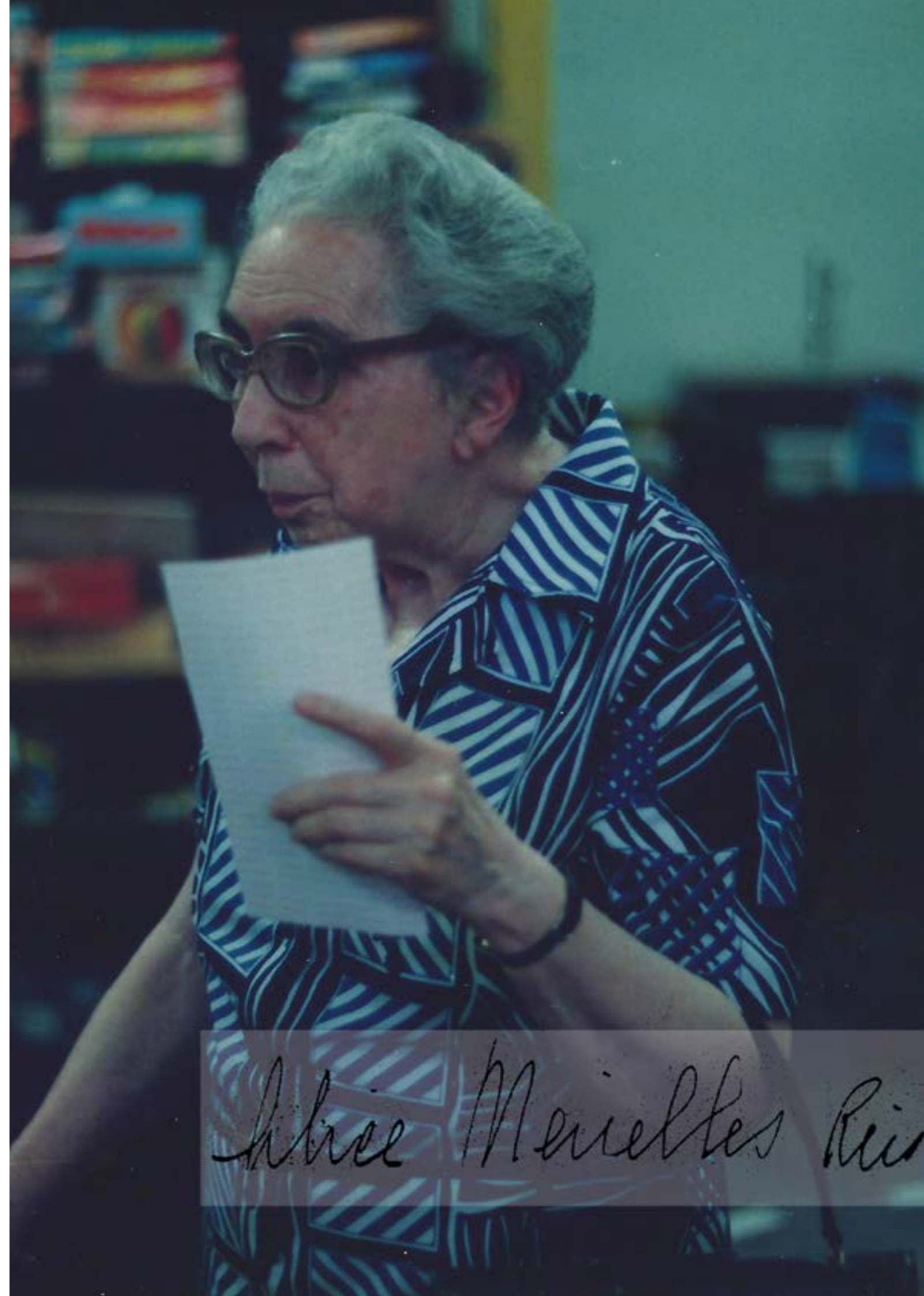
1923 a 1927 (assinatura)

1990 (12 cm x 13cm) – foto durante entrevista no LABRIMP.

Acervo do MEB

Em 1990, três anos antes de seu falecimento Alice Meirelles Reis visita, a nosso convite, o LABRIMP- Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos e, na ocasião ela foi fotografada e entrevistada. Desde a criação do LABRIMP, em 1984, o museu do brinquedo tem um espaço no interior do laboratório para guardar o acervo doado pela professora. Em agosto de 1999, com nova denominação - MEB - Museu da Educação e do Brinquedo ganha espaço próprio dando destaque ao acervo fotográfico da professora. Assim, cumpre-se a promessa feita por Tizuko Morchida Kishimoto, em 1982, de criar um museu para acondicionar o rico material. A assinatura, que é também a identidade e a marca pessoal da professora, encontra-se no Álbum de 1923-1927.

Para finalizar, algumas indagações: o que teria levado Alice a ser a única professora do Jardim de Infância a se envolver no processo de mudanças de práticas pedagógicas? Quais seriam as razões dessas mudanças não terem tido o poder de se institucionalizar e alterar o rumo da educação infantil? Há muitas contradições nos primórdios da educação infantil pública em São Paulo, fruto de condições histórico culturais e políticas públicas que precisam ser desveladas pelos pesquisadores.



Patrocinadores



